

AS SOMBRAS DO INCONCEBÍVEL: REFLEXÕES SOBRE OS MUNDOS POSSÍVEIS IMPOSSÍVEIS EM ECO¹

Elisa Hoerllé

Resumo: O artigo pretende esboçar algumas ocorrências que estão para além da nossa capacidade de compreensão, e que, toda via, acontecem. Esse tipo de fenômeno contraria a lógica clássica, manifestando o inconcebível. Uma conversa sobre coisas que não conseguimos imaginar. Nossa tentativa de iniciar uma discussão sobre o assunto estrutura-se pelas dinâmicas entre particulares e propriedades, conceitos essenciais para entender o processo. Uma preocupação constante no processo foi deixar claro que várias coisas que sentimos contraditórias são apenas complexas, e podem ser desambiguadas a partir de um referencial analítico adequado para enfrentar as dissonâncias cognitivas. Vencida essa etapa, o artigo descreve a alternativa da dialética antinomista. Finalmente, adentra-se no objeto propriamente dito, propondo-se quatro categorias de comportamentos possíveis impossíveis. Nossas indagações a respeito desse assunto foram motivadas pela noção de mundos inconcebíveis em Eco; uma abstração da teoria da narratividade, que sugere variadas manifestações contrasensuais. Serão trazidos alguns exemplos da ficção para ilustrar as relações construídas. Destes exemplos possíveis, nem todos são atuais; quer dizer, nem todos são acessíveis pela experiência cotidiana. Trazemos também alguns exemplos relacionados com o imaginário cristão e suas propostas extáticas, salientando que as narrativas sobrenaturais mantêm uma afinidade peculiar com este tipo de ocorrência. As contradições da existência são um tema central em diversas religiões. Apostamos que os mundos inconcebíveis não são somente mencionáveis; são possíveis em determinadas atualizações. Várias coisas que julgamos serem impossíveis são somente inconcebíveis. Embora não tenhamos encontrado casos atuais para algumas categorias, não existem motivos suficientes para determinar que elas estejam irremediavelmente alheias à nossa natureza.

1302

Palavras-chave: lógica; contradição; dialética; mundos possíveis impossíveis

Introdução

Entendemos a contradição como experiência inalienável à existência cotidiana, que nem sempre obedece à linearidade da lógica formal. Essa problemática é anterior às representações da linguagem. Não cabe aqui avaliar a sua eficiência para designar os fenômenos da realidade, visto que não estamos tratando de problemas da comunicação, mas de ocorrências paradoxais; possíveis e impossíveis.

A contradição é afirmada e assumida na e pela realidade que não pode mais ser dominada pela previsibilidade de uma epistemologia e de uma lógica

1 Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: <elisahoerlle@gmail.com>.

instrumentais. Pelo contrário, o próprio mundo se mostra avesso a qualquer sistematização ou linearidade. (Makximovitz, 2009, p. 89)

A contradição, tão presente [nos fragmentos de Heráclito], não é algo como uma aberração a ser combatida, mas, pelo contrário, faz parte da natureza do mundo. (...) Problemática é justamente a tentativa de negação dessa realidade em si mesma contraditória, negação que ele atribui à ação do homem, e não considera como algo próprio e natural. (Makximovitz, 2009, p. 88)

Concordamos com Santos, quando propõe que “*A contradição deve ser tratada como uma categoria*” (2007, p. 175). Nesse sentido o artigo pretende esboçar alguns modos de ocorrências contraditórias à lógica clássica. Nesse intuito, além de retomar a alternativa da dialética antinomista, propõe-se quatro categorias de comportamentos contrasensuais. Não se deseja com isto fazer uma sistematização modal definitiva deste tipo de processo, uma vez que a suspeita filosófica é geralmente negativa sobre estas iniciativas. Aliás, sequer é sabido por que ocorrências desta qualidade são mencionáveis pela linguagem humana. Antes de propor as categorias propriamente ditas, ressaltamos processos que à primeira vista parecem contraditórios, mas que podem ser desambiguados, quando se assume uma perspectiva adequada.

Movido pelo desejo de esboçar relações abstrusas da forma mais simples possível, o ensaio não irá se valer dos símbolos tradicionais de notação modal. As proposições serão escritas por extenso. Nesta mesma intenção, serão trazidos alguns exemplos da ficção para ilustrar as relações construídas. Destes exemplos possíveis, nem todos são atuais; quer dizer, nem todos são acessáveis pela experiência cotidiana. Embora não tenhamos encontrado casos atuais para algumas categorias, não existem motivos suficientes para determinar que elas estejam irremediavelmente alheias à nossa natureza. Trazemos também alguns exemplos relacionados com o imaginário cristão e suas propostas extáticas, salientando que as narrativas sobrenaturais mantêm uma afinidade peculiar com este tipo de ocorrência. As contradições da existência são um tema central em diversas religiões.

Nossas indagações a respeito desse assunto foram motivadas pela noção de mundos inconcebíveis em Eco; uma abstração da teoria da narratividade, que sugere variadas manifestações contrasensuais entre particulares (a que ele chama de indivíduos) e propriedades.

Existem *mundos inconcebíveis* – sejam eles possíveis ou impossíveis – além de nossa capacidade de concepção, porque seus supostos indivíduos e propriedades violam nossos hábitos lógicos e epistemológicos. (Eco, 2001, p. 174)

Dessa forma, o artigo estrutura suas exposições sobre o inconcebível a partir das dinâmicas entre particulares e propriedades. Primo (2009, p. 67) entende por particular “*tudo aquilo que exemplifica ou é carregado de propriedades e não é uma propriedade*”. Frisamos que um particular não precisa existir de fato na atualidade. Para ser particular, necessita somente possuir uma propriedade.

1. Valores Mutuamente Excludentes

A rigor, esta categoria não faz parte dos processos que propomos inconcebíveis. Por esta causa, a inserimos antes das ocorrências propriamente paradoxais, no intuito de desambiguar contradições sensíveis de contradições formais. Consideramos que a existência dos valores depende de atribuições culturais sobre os particulares e as propriedades. Na disciplina modal, os valores são chamados de operadores axiológicos. Para entender este assunto, basta o comentário da Wikipedia:

Operadores modais axiológicos (operadores-G) transformam as entidades do mundo em valores e desvalores como vistos por um grupo social, uma cultura ou um período histórico. Modalidades axiológicas são categorias altamente subjetivas: o que é bom para uma pessoa pode ser considerado ruim por outra.

1304

Vale lembrar que apesar de sua natureza subjetiva, os valores, como demais fenômenos sociais, são passíveis de serem estudados objetivamente. A seguir mencionamos alguns exemplos possíveis, para introduzir as noções que pretendemos abordar.

1.1 Valores mutuamente excludentes em particulares simples

O evangelho de João narra um episódio em que Jesus evita o apedrejamento público de mulher surpreendida em adultério. Este incidente materializa um embate presente em toda a sua carreira: a disputa entre a justiça e a compaixão. Neste caso, tensionam-se valores mutuamente excludentes. Estes valores assumem a forma de particulares: Ou P ou Q. De outra forma: Se P então não Q.

Na impossibilidade de síntese, o sujeito deverá decidir com sabedoria a opção que apresente o valor mais adequado. Outro exemplo bastante comum deste tipo de ocorrência é o choque entre a honestidade e a cortesia. Frequentemente somos inibidos de proferir nossas verdadeiras opiniões sobre diversos assuntos. Nesse sentido, o antropólogo Joel Robbins

(2013) explica o sentimento de algumas comunidades cristãs: de possuir uma natureza pecadora, denunciada pela incapacidade de cumprir simultaneamente todos os valores ideais.

1.2 Valores mutuamente excludentes em particulares complexos

Um dado particular P apresenta uma série de propriedades: p1, p2, p3. É possível auferir valores mutuamente excludentes a um mesmo particular, dadas suas múltiplas propriedades. Se um amigo próximo decide ficar um ano afastado do País em intercâmbio, ficamos alegres com sua conquista pessoal, e ao mesmo tempo tristes, pela saudade que a sua ausência provoca. Nesse caso, a um mesmo particular, aufero o valor X em relação à propriedade p1, e o valor Y em relação à propriedade p2, sendo X e Y valores concorrentes em um mesmo processo.

Queremos demonstrar com isso que, em face à complexidade da vida, diversas situações que parecem sensivelmente contraditórias provam-se logicamente aceitáveis, quando conseguimos entender que interações estão em jogo. Estes casos não tratam de contradições lógicas, somente de dissonâncias cognitivas, quando alguns aspectos do mundo se apresentam em conflito com as crenças e desejos do sujeito.

1305

2. Dialética Antinomista

Quando se admite a paradoxalidade do real, abre-se caminho para compreensão dos limites da racionalidade humana. Retomando o que foi dito na introdução do artigo:

O modo de o grego antigo ver a realidade não era pautado nessas posições contemporâneas. Sua vista não fora ainda atingida por essa absolutização do princípio da não-contradição; pelo contrário, sua cosmovisão era espontânea, e, na própria realidade, ele reconhecia a contradição como natural. Heráclito se deparava com uma realidade em que o caminho do devir não podia se estagnar numa linearidade simples. Pelo contrário, via uma realidade controversa, livre, onde a vida não se opõe à morte como princípio incompatível, mas integra em si mesma a finitude como seu próprio. (Makximovitz, 2009, p. 88)

Neste item, a principal referência é a “lógica contraditorial”, que Maffesoli desenvolveu a partir de releituras da dialética clássica.

o discurso de Maffesoli se desenvolve e se constrói com base no que ele chama "lógica contraditorial", uma dialética onde os opostos permanecem em contínua tensão, sem síntese, e na qual a idéia de progresso, tão cara à maioria dos pensadores do século XVIII e XIX, se faz ausente. (...) Na dialética antinomista, as antinomias não se resolvem, são complementares e

irreduzíveis. Há uma oscilação ou antagonismo suscetível apenas de equilíbrio dinâmico, idéia também presente em Maffesoli. (Liberato, 2002, p. 225-226)

Percebemos este método como uma variação espectral entre duas instâncias específicas. Um processo. Imaginemos, por exemplo, um gradiente entre as hipóteses e os paradigmas científicos. Ou então, dito de outra forma, entre aquilo que se cogita e aquilo que se sabe comprovadamente. Cada nova descoberta produz um desequilíbrio, um reposicionamento entre as duas instâncias iniciais.



Figura 1: Dialética Antinomista

Entretanto, ao avaliarmos esse tipo de dinâmica a partir do aporte dos particulares e propriedades, inferimos que, na dialética antinomista, não existem realmente contrários. As duas instâncias (ou pólos) do gradiente dão a impressão de tratarem de dois particulares distintos; mas na realidade há um só particular, variando em intensidade. Não há contradição, há contraponto. Não há síntese, porque há um só processo, um mesmo particular, uma natureza somente.

1306

Essa dinâmica é descrita por McLuhan como reversão: quando um processo é forçado ao seu último limite, ele produz um resultado antagônico às suas pretensões iniciais. Proteção demais desprotege.



Figura 2: Dialética Antinomista e Reversão

Nestes casos, diferentes instâncias de um mesmo particular apresentam propriedades mutuamente concorrentes. Só não há contradição porque estas propriedades não ocorrem em simultaneidade, elas ocorrem em pontos distintos de uma variação.

3. Mundos inconcebíveis (possíveis impossíveis)

Até aqui o artigo não adentrou sua problemática central, porque foi necessário desambiguar categorias aparentemente paradoxais das contradições reais. Na primeira abordagem, o desconforto produzido pela inadequação do sujeito com o ambiente resulta em

diversas dissonâncias cognitivas; mas nem todas as dissonâncias manifestam contradições propriamente lógicas. Na segunda perspectiva, apresentamos os processos dialéticos, sistemas em que instâncias opostas constituem relações permanentes.

Os mundos possíveis impossíveis não contemplam os processos dialéticos. Eles são estruturados por particulares e propriedades que desafiam nossas crenças sobre o conhecimento do mundo. “*O prazer que haurimos dos mundos possíveis impossíveis é o prazer de nossa derrota lógica e perceptiva*” (Eco, 2001, p. 175).

Nos casos a seguir exploramos este triunfo do contra-senso, construindo possíveis ocorrências de suas manifestações.

3.1 Presença e negação simultânea de um mesmo particular

Neste item o grande exemplo é o problema do “nada” na filosofia: como pode existir a inexistência?

Esta categoria é marcada pela impossibilidade de descrever um determinado particular. Não se trata de um problema da linguagem, mas de um fenômeno situado nos limites de nossa capacidade cognitiva. Uma impossibilidade lógica, que pode ser descrita pela expressão P e não P.

Na tradição hebraica, o Seol era um abismo onde os humanos seriam destinados após a morte. O Seol era uma dimensão onde todos espíritos cessariam de existir. Todavia, apostamos que a inexistência não é um mero conceito formulado pela sociedade. Na psicanálise freudiana, a inexistência é um sentimento de vazio profundo, movendo uma pulsão de morte. Neste princípio, o sujeito destrói para existir. Um vazio que remete à morte, produzindo violência como ato de afirmação existencial. O princípio da anti-existência não é uma abstração somente, porque manifesta seus efeitos na cultura.

3.2 Presença e negação simultânea de uma mesma propriedade

Nesta categoria tratamos uma impossibilidade lógica amplamente discutida na filosofia, a das sentenças simultaneamente verdadeiras e falsas. Um enunciado particular ou possui a propriedade de ser verdadeiro ou a propriedade de ser falso. Ele não pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo.

Na antiguidade clássica, um paradoxo atribuído a Eubúlides de Mileto desafiou estes princípios. Imagine um habitante de Creta proferindo que “todos os cretenses sempre mentem”. Pensar nesta formulação é deter-se a uma circularidade autorreferente,

rigorosamente verdadeira e falsa. Descrito em miúdos, o enunciado particular P apresenta a propriedade p e a propriedade não p.

Há vários casos em que uma pessoa profere enunciados verdadeiros com a intenção de enganar, como num interrogatório policial assistido por um aparelho detector de mentiras. Nestas ocorrências, há sempre um elemento velado, que se estivesse aparente, alteraria a interpretação dos processos. Outros casos são constituídos em contextos enganosos, realizados a partir de construções maliciosas. O sujeito fala verdadeiramente, mas, ao mesmo tempo, movimenta outras representações, dando a entender algo diferente da realidade. No filme “Vigaristas” (EUA - 2008), os personagens principais na maioria das vezes falam a verdade sobre quem são; as situações é que são geralmente embusteiras – seqüestros, contrabandos, assassinatos.

Nos exemplos citados no parágrafo anterior, não há presença e negação simultânea da verdade dos enunciados. Existem situações particulares complexas, que buscamos descrever no capítulo 2.2 deste artigo. A precariedade para compreender as interações presentes causa o sentimento de contradição.

3.3 Ocorrência simultânea de particulares mutuamente excludentes

Abordamos anteriormente que dissonâncias cognitivas são freqüentes em situações particulares complexas. Conflitos da vontade, em que o sujeito pode sentir-se obrigado a fazer algo que não quer. Neste tipo de situação, o particular apresenta múltiplas propriedades, que concorrem sem constituir contradições. Imagine uma pessoa que acorda sem nenhuma vontade de ir trabalhar, mas deseja receber o ordenado para manter-se. Atribui-se à propriedade “salário” um valor que supera o de outras propriedades relacionadas ao particular, como, por exemplo: “prazer em realizar uma determinada função”, “rotina agradável”, “bom relacionamento com os colegas”, etc. Nesta complexidade, o desejo de ir trabalhar sobrepõe-se ao desejo de não ir trabalhar.

Pretendemos demonstrar outro tipo de ocorrência, caracterizada por uma síntese aberrante entre dois particulares distintos. Fenômenos em que ocorrem P e Q, mesmo que se P então não Q.

No final do seriado canadense “La Femme Nikita”², a protagonista não deseja absolutamente cumprir o plano de sucessão proposto pelo seu pai. Mas quando ele resolve dar-se em resgate por Adão – um enteado seqüestrado pelos inimigos – então Nikita se vê forçada a cumprir voluntariamente a intenção dele. A história não trata da tensão entre os particulares: “salvar o enteado” e “ficar livre da sucessão institucional” versus suas respectivas

propriedades: “ficar no lugar do pai” e “perder o enteado”. A narrativa elabora uma conversão profunda, uma significativa transformação de caráter, provocada pelo sacrifício de seu pai. O enredo demonstra um comportamento inconcebível, quando a personagem é obrigada a cumprir desejando o seu destino. Apesar de decidir, foi movida por outrem, e, por isso, não tem mérito nenhum.

No Novo Testamento, o livro Atos dos Apóstolos apresenta uma noção análoga. Saulo a caminho de Damasco é surpreendido por uma luz ofuscante; uma experiência mística, que muda seu nome e sua personalidade. Transformado em Paulo, o apóstolo desiste de perseguir cristãos, e se vê obrigado a cumprir desejando o mister de mártir.

Mencionamos anteriormente que Jesus Cristo, em seus três anos de sacerdócio, foi frequentemente cobrado por deixar a lei hebraica em segundo plano, priorizando o valor da misericórdia. De acordo com a doutrina cristã, a crucificação é a suma geral do seu ministério, quando ele faz o que era impossível de ser feito: cumprindo, ao mesmo tempo, justiça e graça, reconciliando Deus e os homens de maneira definitiva. Toda a lei hebraica cumpriu-se em seu sacrifício, no mesmo instante em que toda a sua graça é manifesta.

Como último exemplo, desdobramos a categoria das sínteses de particulares mutuamente excludentes com uma obra do cinema sueco. O filme “A Palavra” (1955) versa sobre a experiência de quase-morte de Inger, uma dona de casa que perde o bebê num parto mal sucedido.

1309



Figura 3: Cena do filme “A Palavra” (Suécia - 1955).

Quando o médico da família se despede da casa dos anfitriões, ele afirma que Inger está dormindo. Ela mora no rancho de seu sogro com o marido, filhos e dois cunhados. Johannes (em pé, na figura acima), um dos irmãos do marido, é um seminarista desistente, que entrou em surto após estudar a obra do filósofo existencialista Søren Kierkegaard. Ele

profetisa que Inger não dorme, mas está morta. Quando os familiares verificam que está morta, Johannes profetisa que ela não está morta, mas dorme. Em termos lógicos, o filme narra P e não Q; e, logo depois, Q e não P, sendo P e Q de naturezas incompatíveis.

Ao final do filme, quando Johannes recompõe-se em seu estado psíquico normal, ele profetiza a ressurreição da cunhada, o que ocorre de fato. Na situação de quase morte (ou de morte e ressurreição), o espectador é posto ante uma situação indefinível, sem poder discernir o que aconteceu.

3.4 Ocorrência simultânea de propriedades mutuamente excludentes

Reservamos um caso da geometria espacial para ilustrar a última categoria proposta pelo artigo. No antigo testamento, uma curiosa profecia narrada no livro de Ezequiel deixou os leitores perplexos durante milênios.

A aparência das rodas e a obra delas era como o brilho de berilo, e era uma só semelhança a dos quatro; a sua aparência, e a sua obra, era como se estivesse uma roda no meio de outra roda. Quando iam, iam pelos seus quatro lados; não se viravam, quando iam. (Ezequiel 1:16-17)

De acordo com a visão do profeta, as rodas moviam-se pelos seus “quatro lados”, ou seja, pelos quatro sentidos (pra cima e pra baixo, pra esquerda e pra direita) ao mesmo tempo, sem se expandirem. Muitos artistas tentaram representar as rodas de Ezequiel, mas todos fracassaram, porque o texto fala sobre uma ocorrência simultânea de propriedades mutuamente excludentes. Um movimento impossível de ser idealizado.

Na segunda metade do séc. XIX, o matemático britânico Charles Howard Hinton imaginou uma quarta dimensão, desafiando as propriedades iniciais do movimento, a saber, direção e sentido. Em relação ao profeta Ezequiel, sua inovação foi substituir a forma das quatro rodas concêntricas por um cubo. O Tesseracto³ é uma abstração do cubo movendo-se na quarta dimensão, por todos sentidos simultaneamente. Um movimento que não pode ser realizado, nem sequer imaginado. Contudo, o matemático conseguiu desenhar a sua sombra, uma projeção do inconcebível.

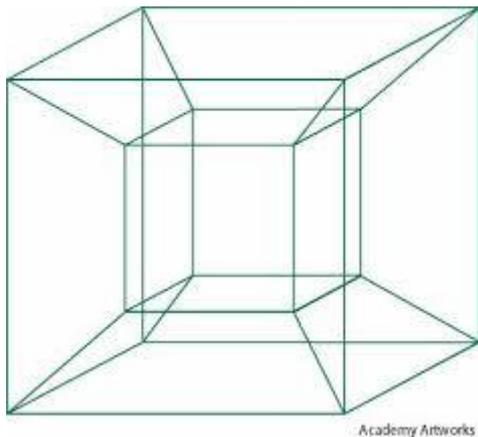


Figura 4: Tesseracto⁴

Todos os exemplos possíveis impossíveis que apresentamos no artigo ecoam a projeção do tesseracto: comportamentos inconcebíveis, que nos perturbam com as suas assombrações.

Conclusão

Ousamos falar sobre ocorrências situadas além do nosso entendimento. Uma tarefa filosófica, mas que também é muito explorada por diversas religiões. O artigo localiza seus exemplos em referências do imaginário cristão.

Uma preocupação constante no processo foi deixar claro que várias coisas que sentimos contraditórias são apenas complexas, e podem ser desambiguadas a partir de um referencial analítico adequado para enfrentar as dissonâncias cognitivas. Este objetivo é análogo ao de algumas interações terapêuticas.

Ressalvamos que a dialética antinomista contempla um tipo específico de processo, em que os pólos apresentam relações permanentes. Nestas interações, aquilo que a primeira vista pareciam ser dois particulares diferentes é, na verdade, duas instâncias limítrofes de um mesmo particular. Os contrapontos neste espectro são resultado da reversão última de determinados fenômenos. A rigor, não há contradição de termos.

Iniciamos a problemática dos mundos possíveis impossíveis pela construção de duas categorias que trabalham a presença e negação simultânea de um particular ou de uma propriedade. Estes itens retomaram casos de paradoxos clássicos da filosofia. Os problemas da inexistência e dos enunciados verdadeiros e falsos trabalham com particulares autorreferentes. Esse tipo de particular frequentemente apresenta relações contraditórias, orientando-se numa dinâmica semelhante aos paradoxos matemáticos sobre conjuntos e classes. Não trabalhamos este assunto em profundidade.

Apostamos que os mundos inconcebíveis não são somente mencionáveis; são possíveis em determinadas atualizações. Várias coisas que julgamos serem impossíveis são somente inconcebíveis. Como foi dito no início, embora não tenhamos encontrado casos atuais para algumas categorias, não existem motivos suficientes para determinar que elas estejam irremediavelmente alheias à nossa natureza.

No famigerado mito da caverna de Platão, a confusão entre as sombras e os fenômenos atuais denunciava uma opressão existencial, da qual somente os homens esforçados e corajosos conseguiam se libertar. Contudo, nas ocorrências que tentamos apresentar, as sombras do inconcebível não tem nada a ver com a nossa falta de força de vontade, elas são a prova da nossa incapacidade cognitiva. Nestes casos, não há competência de libertação em nós mesmos, e, por isso, se retoma a importância do sobrenatural, do mistério e numinoso.

Finalmente, a figura do tesseracto ilustra que mesmo quando não conseguimos imaginar determinado fenômeno, é possível projetar a sua sombra. Quando se vê a sombra, pode-se propor que o inconcebível provavelmente exista.

Bibliografia

A Bíblia Sagrada. Traduzida do hebraico por João Ferreira de Almeida. Londres, Lisboa e Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, 1937.

ECO, Umberto. Limites da Interpretação. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2001.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. Nomadismo pós-moderno. *Política & Sociedade* n. 01, p 225-234, set 2002.

MAKXIMOVITZ, Clauzemir. Dialética trágica: a realidade anterior a suas determinações. *Revista Filosófica São Boaventura, Curitiba*, v.2, n.1, p.87-97, jan./jun. 2009.

McLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. São Paulo: Cultrix, 1974.

PRIMO, Gabriel Arthur Lage. A linguagem dos mundo possíveis. 4º Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia da Unesp. São Paulo: Marília, 2009.

ROBBINS, Joel. Pluralismo Religioso e Pluralismo de Valores: Ritual e Regulação da Diversidade Intercultural. Conferência de abertura da XVII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Porto Alegre: UFRGS, novembro de 2013.

SANTOS, M. F. Lógica e dialética: Lógica, dialética e decadalética. São Paulo: Paulus, 2007.

- 1 A autora gostaria de registrar agradecimentos a Sueli Souza Hoerlle, pelo seu engajamento no diálogo sobre o assunto; e a Graziella Granata, por apontar mudanças de perspectivas que possibilitam novas soluções.
- 2 O episódio é chamado “*A time for every purpose*” ou “Um tempo para cada propósito”, numa clara referência à passagem bíblica de Eclesiastes 3:01. Ele foi produzido em 2001.
- 3 Também chamado de tesseracto e hipercubo.
- 4 Disponível em: <<http://bit.ly/tesseracto>>, acesso em 26 jun 2014.